



Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2022

Vol. 19 Ano 19 n° 1

www.revistafenix.pro.br

ISSN 1807-6971




10.35355/revistafenix.v19i1.1024

O RACISMO EM “MANGAS DE CAMISA”: A QUESTÃO RACIAL NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE MONTEIRO LOBATO E ARTHUR NEIVA (1918-1942)

THE RACIAL ISSUE IN THE CORRESPONDENCE BETWEEN MONTEIRO LOBATO AND ARTHUR NEIVA (1918-1942)

Rhaiane das Graças Mendonça Leal *
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

 <https://orcid.org/0000-0003-2718-5992>
rhaiane-mleal@hotmail.com



Andre Felipe Candido da Silva **
Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

 <https://orcid.org/0000-0002-3766-6725>
andrefelipe.fiocruz@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa a questão racial na correspondência de Monteiro Lobato com Arthur Neiva no âmbito da qual o escritor fez declarações que tiveram repercussão na polêmica recente envolvendo o racismo em sua obra e biografia. Situa o debate racial no contexto do repertório intelectual dos dois missivistas e da rede intelectual que os mantiveram próximos. Tal repertório e rede foram marcados pelo engajamento em projetos articulados ao debate nacional e envolveu o sanitarismo, eugenia, o regionalismo paulista e o americanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato; Arthur Neiva; racismo; eugenia; sanitarismo; identidade nacional.

ABSTRACT: This article analyzes the racial issue in Monteiro Lobato's correspondence with the scientist Arthur Neiva, in which the first made racist statements that have been echoing in the recent controversy about racism in his life and work. It situates the racial debate into the intellectual discourses and networks that approached the two epistlers. This shared worldview was established by the engagement of both in projects associated with the 'national question' and involved public health, eugenics, São Paulo's regionalism and americanism.

* Atualmente, é tutora presencial das disciplinas pedagógicas da Fundação CECIERJ e produtora externa da plataforma SAS Educação. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS-COC).

** Fez estágio de pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ e professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde.

KEYWORDS: Monteiro Lobato; Arthur Neiva; racism; eugenics; sanitation; national identity.

INTRODUÇÃO

A polêmica em torno do racismo do escritor paulista Monteiro Lobato tem sido recorrente desde que o uso de uma de suas obras infantis na educação básica, *Caçadas de Pedrinho*, foi questionada em 2010 por propagar “preconceituosos e estereótipos contra grupos étnico-raciais”. A denúncia de expressões de racismo contra negros resultou em pareceres da Comissão Nacional de Educação e da Câmara Básica de Educação que preconizaram a preparação de professores para abordar a temática em sala de aula; a seleção dos livros utilizados no Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) com base no critério de ausência de estereótipos, preconceitos e racismo e a utilização de notas explicativas que indicassem onde houvesse tais ocorrências discutindo tais estereótipos e analisando-os criticamente no contexto do autor.

Os pareceres provocaram intensa reação da mídia. Os principais diários do país mobilizaram seus colunistas, escritores renomados, críticos literários e acadêmicos de outras áreas do saber para debater o lugar do racismo na obra e na biografia de Lobato e a pertinência das medidas indicadas pelo governo. Em análise da controvérsia, Feres Júnior, Nascimento e Eisenberg (2013) mostram como predominou o tom de crítica às medidas e de desqualificação do debate, que alinharam a uma espécie de patrulha ideológica pautada por argumentos em favor do “politicamente correto”. A polêmica reacendeu quando as obras de Lobato ganharam domínio público, em 1ª de janeiro de 2019¹, e pedagogos e literários discutiram sobre as reedições e sobre a possibilidade de reinvenção de personagens. Ressurgiu novamente, em 2020, quando os trechos racistas foram suprimidos das novas edições, o que provocou reação do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro e do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo.

O debate tem sido polarizado entre os que acusam o racismo de Lobato, defendendo medidas como a adaptação de sua obra, o uso de notas explicativas e de discussões direcionadas nas escolas, e os que rejeitam o debate, por considera-lo censura e ditadura do “politicamente correto” ou por defender a posição do escritor entre os vultos da literatura, relativizando ou mesmo negando o racismo em sua obra e biografia. Em

¹ Monteiro Lobato entra em domínio público e terá versão até da Turma da Mônica. Livros. **Folha UOL**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/monteiro-lobato-entra-em-dominio-publico-e-tera-versao-ate-da-turma-da-monica.shtml>>. Acesso em 05/06/2020.

busca de evidências que certificassem este traço, ganhou destaque trecho de uma carta que Lobato enviou ao pesquisador Arthur Neiva (1880-1943), célebre pela atuação como entomólogo, sanitarista, organizador de instituições e político. Enviada dos Estados Unidos a Neiva em 10 de abril de 1928, trecho particularmente crítico da missiva foi estampado na capa da revista cultural *Bravo!* em maio de 2011: “País de mestiços onde brancos não têm força para organizar a Ku-Klux-Klan é país perdido.” A revista publicou ainda fragmentos de cartas que ele trocou com o escritor mineiro Godofredo Rangel e com Renato Kehl², um dos principais divulgadores das ideias da eugenia³ no Brasil, inclusive em suas expressões mais radicais.

Desde então, a referida carta a Arthur Neiva tem sido repetidamente reproduzida e comentada, sobretudo o trecho com a condenável afirmação do literato, que compõe um repertório de declarações racistas presentes em outros escritos. Ao contrário do que foi afirmado quando a missiva ganhou destaque, ela não era “inédita”. Parte da correspondência de Lobato com Neiva fora publicada e comentada pelo memorialista e estudioso do escritor, Cassiano Nunes (1981) em livro que intitulou “O Patriotismo Difícil”. No entanto, Nunes não incluiu o trecho problemático da carta, com a justificativa de que a correspondência “escrita em linguagem desabrida, cheia de explosões de desabafo de patriotismo impaciente” (NUNES, 1981, p. 37), ocasionaria, quando fosse divulgada, “com melancolia, o prevejo – uma reação desagradável da parte de certa imprensa que explora o sensacionalismo e até mesmo de alguns cientistas que julgam as personalidades destacadas do seu contexto, e à base de um presente perene” (NUNES, 1981, p. 37).

A carta também já fora apresentada pelo trabalho de Paula Habib (2003), que analisou a afinidade de Monteiro Lobato com as teorias do movimento eugênico e com o racismo, tendo se mantido próximo de Renato Kehl. Segundo Habib (2003), tal proximidade expressou-se em sua obra adulta e infantil, como também em sua correspondência e rede de sociabilidade. A relação de Lobato com a eugenia e o racismo vem sendo repetidamente tratada na produção acadêmica e resulta em uma robusta literatura por vezes mobilizada para subsidiar a controvérsia em torno de seus escritos na esfera pública (CAMPOS, 1986; MORAES, 1995; OLIVEIRA, 2001; HABIB, 2003; COSTA, 2005; OLIVEIRA, 2011; SILVA, 2011; ALMEIDA, 2012; SCARAVONATTI,

² Sobre Renato Kehl e seu papel na divulgação da eugenia no Brasil ver os trabalhos de Vanderlei de Souza (2016, 2009, 2008, 2006).

³ Sobre eugenia ver: WEGNER, Robert. Dois geneticistas e a miscigenação. Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza no movimento eugenista brasileiro (1929-1933). *Varia História (UFMG)*, v. 33, p. 79-107, 2017.

2014; COSTA, 2016; FORMIGHIERI, 2017; SOUZA, 2017, 2019; FERRETTI JR., 2020). A correspondência de Lobato enviada a Arthur Neiva é uma fonte⁴ bastante utilizada em estudos, beneficiados pelo fato de ele ter sido um missivista ativo. A historiografia recente investiga o papel das cartas na história dos intelectuais, como meio de mapear suas redes de sociabilidade, estratégias de inserção profissional, dinâmicas do campo cultural de um período, e repertórios compartilhados de diagnóstico e intervenção na realidade política, econômica e social de seu tempo (GOMES, 2004). Há vários trabalhos que analisam sua correspondência com personagens como Anísio Teixeira, Oliveira Vianna, Godofredo Rangel, Lima Barreto, entre outros (CAVALHEIRO, 1955; NUNES, 1981; VIANNA, FRAIZ, 1986; TIN, 2007; SPAGNOLI, 2014). As cartas testemunham um Lobato “em mangas de camisa”, expressão que ele próprio empregava para se referir ao modo à vontade com que se sentia na escrita aos correspondentes. A fala descontraída e próxima à oralidade registra o pensamento arguto do literato; sua fala crítica, afetos, projetos, desejos, desilusões e sonhos, um nacionalismo fervoroso, como também seu pensamento racista e o alinhamento com os ideais do movimento eugenista.

A correspondência de Lobato com Neiva foi mais recentemente analisada por Ibañez, Roncon e Alves (2012), que tratam dos assuntos abordados nas cartas e das convergências entre os missivistas, em termos de ideologias, projetos, postura política, atuação intelectual e perfil individual, mas ignoram a questão racial nesse diálogo, sem mencionar as declarações racistas do escritor. O objetivo deste artigo é lançar luz exatamente sobre este tema, abordando-o à luz das trajetórias e engajamentos intelectuais dos dois personagens. Sublinhamos o contexto do encontro que propiciou a aproximação deles – o movimento público em favor do saneamento do Brasil no final dos anos 1910 - e analisamos a questão racial levando em conta este contexto, em que o debate sobre a identidade nacional se tornou fortemente refratado pelo conhecimento do impacto das doenças endêmicas entre as populações dos interiores do país. O Jeca Tatu figurou como ícone do movimento pró-saneamento, por expressar a conversão de Lobato de uma visão fatalista, na qual o “piolho da terra”, letárgico, condenaria o Brasil ao atraso, para uma visão otimista, em que o personagem adere aos enunciados da ciência, cura-se das doenças que exaurem suas forças e se transforma em um agricultor moderno, proativo, adepto da tecnologia e de uma prática agrícola cientificamente orientada (HOCHMAN, 1998).

⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil – CPDOC/ FGV. Arquivo Arthur Neiva. **Correspondência entre Arthur Neiva e Monteiro Lobato**. Localização: AN c 1918.06.21 Série: c – Correspondência / Data de produção: 21/06/1918 a 02/10/1942. Quantidade de documentos: 143 (227 folhas).

Esta “conversão” do Jeca pela pena e engajamento público de Lobato é encarada pela historiografia como sintoma de uma mudança nos termos do debate nacional, em que as teorias que condenavam o Brasil ao atraso pela composição racial da sua população e por fatores mesológicos do território cederam lugar a concepções que defendem que a ciência médica, o saneamento e educação poderiam integrar o país ao concerto das nações modernas e civilizadas (LUCA, 1999; HOCHMAN, LIMA, 2000; LIMA, 2009). Nosso argumento é que a visão racista manifestada pelo literato Arthur Neiva durante a permanência nos EUA, bem como as teorias eugênicas que ele endossou na obra “O Presidente Negro” e as relações com o movimento eugênico, já analisadas pela historiografia, não representam uma contradição ou ruptura com a postura tomada no movimento pró-saneamento, em que defende a possibilidade de redenção do “tipo brasileiro” pela saúde pública. Pelo contrário, o diálogo de Lobato com Neiva evidencia uma malha discursiva que aponta as injunções complexas entre o discurso sanitarista e o movimento eugênico. Além disso, mostra o alinhamento de ambos intelectuais com o discurso da “paulistanidade”, baseado na ideia de uma identidade regional de São Paulo marcada por especificidades de natureza histórica, social, econômica, cultural e também racial, as quais seriam responsáveis pela autonomia e superioridade do estado perante os demais. O padrão de desenvolvimento paulista representava, nesse sentido, o modelo para o progresso da própria nação. Esta visão, por sua vez, coaduna-se com outro traço compartilhado pelos dois missivistas: o americanismo, ou seja, o entusiasmo pela organização social, econômica e política estadunidense, encarada como a via desejável para a modernização do Brasil. A admiração de Lobato pelo país onde viveu entre 1927 e 1931 como adido comercial estendeu-se às relações raciais; mais especificamente, à segregação entre negros e brancos, que ele contrastou com a proximidade e miscigenação no Brasil. Essa matriz discursiva composta pelas interfaces entre saneamento e eugenia e pela empatia com a paulistanidade e o americanismo em termos culturais e raciais também foi marcada pelo anti-lusitanismo, que identificava o Rio de Janeiro, então capital federal, como sede do atraso, dos vícios e corrupções da burocracia, além de cadinho do que seria a mestiçagem “maléfica” entre brancos e negros, diferentemente da miscigenação “eugênica” ocorrida no Planalto paulista desde a colonização, renovada com o afluxo de sangue europeu pela imigração.

As afinidades intelectuais, engajamentos e projetos compartilhados por Neiva e Lobato nas cartas são indissociáveis do senso de “missão” auto imbuída de refletir sobre a questão nacional, de apontar os principais problemas que entravavam o progresso

brasileiro e de apontar as soluções. Em seus perfis de cientista e literato, traduziram tal senso de missão não só pelos escritos, mas principalmente pelo envolvimento em projetos editoriais, institucionais, políticos e econômicos em que aliaram as ambições e convicções pessoais com as “questões gerais” referentes ao debate nacional. O diálogo entre Lobato e Neiva sobre a questão racial representa, portanto, o nó górdio de um conjunto de ideias que ajudam a compreender – sem jamais justificar – o lugar das concepções racistas na visão de mundo do escritor e do cientista, como também a posição que tal questão assumiu no debate sobre a identidade nacional na Primeira República.

O “ENCONTRO” DE DOIS “NACIONALISTAS MILITANTES” NO CONTEXTO DO MOVIMENTO SANITARISTA: IDENTIDADE NACIONAL, ENTUSIASMO PELA CIÊNCIA E O DEBATE RACIAL

No espaço da correspondência, Neiva e Lobato dialogaram sobre seus projetos individuais e coletivos e compartilharam a ansiedade com os rumos da nação brasileira, cujo avanço, para ambos, passava pela promoção da saúde pública, das ciências, da educação e de uma reforma do sistema político e administrativo. “Por mais que procure isolar-me do pessoal, o problema geral tortura-me sempre”⁵, escreveu Neiva a Lobato em missiva de 1921, afirmação que condensa o senso de missão que marcou os intelectuais na primeira metade do século XX (SEVCENKO, 2003), e a inquietude que isto provocava, ao vincular a vida pessoal com o destino coletivo. De forma afetuosa e muitas vezes entusiasmada, Monteiro Lobato e Arthur Neiva trocaram cartas no período de vinte e quatro anos – de 1918 a 1942. Trata-se de uma relação de amizade construída a partir da admiração mútua, convergência de interesses e pelo sentimento de confiança para discutir os problemas individuais, coletivos e nacionais.

A primeira carta foi enviada por Lobato a Neiva em 21 de julho de 1918, um momento bastante expressivo do encontro das duas trajetórias. Naquele ano o escritor havia adquirido a *Revista do Brasil*. Criada em 1916 pelo proprietário do jornal *O Estado de São Paulo* Júlio de Mesquita Filho, no calor do debate nacionalista deflagrado pela Primeira Guerra, a revista atuou como autêntico lugar de fermentação de ideias, relação afetiva e espaço de sociabilidade, como preconiza Sirinelli (2003, p. 249) acerca desse tipo de veículo de produção intelectual. A publicação foi tema da primeira carta trocada entre Lobato e Neiva: "A nossa Revista do Brasil, agora com o nome de Revista Brasileira, prepara-se para sair. Sairá no fim deste mês; não quererá o amigo honrar o número de estreia com algo

⁵ Carta de Lobato a Neiva, de 10/06/1921. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

seu?⁶" Neiva aceitou o convite e tornou-se um colaborador frequente na revista, chegando a coordenar, com Roquette Pinto, as "Notas de Ciencia". Para Lobato, a aquisição da Revista foi uma forma de impulsionar a divulgação dos livros publicados por sua editora.

Como argumenta Tânia Regina de Luca (1999), a revista catalisou o debate sobre a construção da nacionalidade a partir do repertório que caracterizou o grupo que gravitava em torno de Mesquita na redação do seu jornal, por isso referido como "grupo d'O Estado". Assim, o "debate nacional" fomentado pelas páginas da revista manifestou o propósito do grupo de intervir na esfera pública por meio da escrita, que acreditavam ter "capacidade transformadora e pedagógica" (LUCA, 1999, p. 71). Os membros desse grupo incluíam grandes expoentes da intelectualidade do período, Neiva e Lobato entre eles. Chamados de "sapos", eles frequentavam as salas de redação d'O Estado de São Paulo. Esse espaço de sociabilidade comum traduziu-se em uma visão alinhada acerca das "questões obrigatórias" que envolviam o debate sobre identidade nacional e que passavam pela discussão racial, pela história, geografia, etnografia e pela temática da língua (LUCA, 1999).

Não é despropositado supor que Lobato e Neiva tenham se aproximado e se tornado amigos a partir desses encontros nas redações do jornal paulista. Neiva encontrava-se em São Paulo desde 1917, quando assumiu o Serviço Sanitário do estado a convite do governador Altino Arantes, depois de retornar da Argentina, onde organizara a Seção de Zoologia Médica e Parasitologia do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires e empreendera uma série de expedições ao norte do país a pesquisar sobre doenças locais e vetores (BORGMEIER, 1940). No Brasil, já era célebre pelos estudos de entomologia médica e campanhas de profilaxia da malária feitas como pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Pertencera ao primeiro time de jovens estudantes que afluíam à instituição para desenvolverem suas teses de conclusão do curso de medicina e se familiarizarem com a ciência experimental. Neiva era ainda mais célebre pela expedição realizada com o médico sanitaria Belisário Penna, em 1912, pelos estados do norte e nordeste do Brasil (HOCHMAN, 1998; SÁ, 2009).

O relatório da viagem, publicado quatro anos depois, denunciou que os problemas responsáveis pelo atraso do Brasil eram as condições precárias de vida e de saúde da população rural do interior (LIMA, 2009). Arthur Neiva atuou ativamente na divulgação e circulação do relatório, tornando-o um texto que reverberou por anos a fio no imaginário social brasileiro (SÁ, 2009). Este documento teve enorme repercussão,

⁶ Carta de Lobato a Neiva em 1918. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

contribuindo para deflagrar o movimento político e intelectual referido como “movimento sanitarista”, que associou os problemas de saúde que assolavam os sertões com o pouco envolvimento do Estado nas políticas sanitárias, produto, por sua vez, do arranjo federalista da Primeira República, em um momento em que os pactos oligárquicos que conformavam a dinâmica política passavam por críticas e problemas. O sombrio diagnóstico de comunidades inteiras enfraquecidas por parasitas contrastou com a projeção dos sertanejos como robustos e enérgicos. A adesão dos intelectuais à campanha do saneamento rural apresentou dois elementos: a ideia da doença como característica central da população e a qualificação do isolamento do sertanejo como expressão do abandono pelos poderes públicos.

A saúde e a educação tornaram-se temas centrais para a construção da identidade nacional: a “saúde era o prisma que refratava os parâmetros sociais, culturais, políticos e geográficos da modernização desejada por todos os grupos sociais descontentes” (BENCHIMOL, TEIXEIRA, 1993, p. 93). O lema da campanha do saneamento era “higienizar, cuidar e civilizar” para “regenerar” o povo brasileiro. Portanto, a saúde através da ciência deveria alcançar o campo para combater as endemias rurais e, ao mesmo tempo, “civilizá-lo”. Enquanto Belisário Penna celebrou-se como “apóstolo do saneamento” (HOCHMAN, 1998), Neiva pôs em prática a agenda sanitária à frente do Serviço Sanitário de São Paulo com uma série de medidas importantes para a saúde pública, muitas delas implementadas pela primeira vez no país (SANTOS, 1985; RIBEIRO, 1991). Cabe ressaltar entre elas a elaboração do Código Sanitário Rural em 1918, um resultado da convicção de que era preciso estender os serviços de saúde para além das grandes cidades, pauta cara ao movimento sanitarista. Ele também firmou o primeiro acordo com a Fundação Rockefeller, em 1916, com a qual dividiu as tarefas de ações de saúde no combate a doenças como tracoma e ancilostomíase, em um investimento importante para profilaxia rural. Este acordo contribuiu para o desenvolvimento dos serviços sanitários de São Paulo sem a participação do governo federal, reforçando a forte autonomia do estado na saúde (HOCHMAN, 1998).

A atuação marcante de Neiva em São Paulo projetou-o como homem de ação e representante da ciência, além de político hábil, em função da negociação delicada que travou com os fazendeiros para implementação do Código Sanitário Rural, reticentes que estavam em permitir a intervenção estatal em seus domínios (SANTOS, 1985). Contribuiu

ainda para difundir a mensagem proclamada enfaticamente pela Liga Pró-Saneamento⁷, fundada em 1918: “Sanear o Brasil é povoá-lo, é enriquecê-lo, é moralizá-lo” (PENA, 1923, p.351). No perfil que traçou do cientista, Lobato enalteceu a iniciativa:

Artur Neiva completou sua obra dotando São Paulo dum Código Sanitário Rural que é novidade não só para o Brasil como para toda a América do Sul. Visa estender à população do campo, largada até aqui na maior miséria física e moral, os benefícios que a higiene já deu às cidades, estabelecendo medidas profiláticas contra as endemias, contra a invasão dos indesejáveis e contra a má habitação que as fazendas proporcionam aos trabalhadores. Novidade absoluta foi o código no começo recebido com desgosto e até revolta. Hoje, melhor compreendido, está aceito e vai sendo aplicado em escala cada vez maior. Muitas fazendas já se remodelaram e instigam as outras a fazer o mesmo. Uma palavra resume a ação de Artur Neiva em São Paulo: semeadura. E a seara virá, farta e consoladora (LOBATO, 1918, p.174-175).

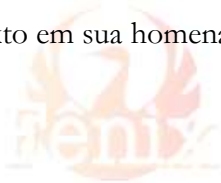
As páginas da *Revista do Brasil*, recheadas de matérias sobre a campanha sanitária e comprometidas em destacar o vanguardismo paulista, noticiaram fartamente as ações tomadas por Neiva no Serviço Sanitário até como forma de divulgar que o estado era o único realmente dedicado em pôr em prática as medidas de saúde pública (LUCA, 1999, p. 217). Conforme narra Lobato (LOBATO, 1918, p. 303), Neiva convidou-o para acompanhá-lo a uma excursão a Iguape, cidade do litoral paulista onde estavam sendo executadas campanhas de profilaxia contra a malária e a ancilostomíase no primeiro posto sanitário rural inaugurado no estado. É conhecido o engajamento de Lobato na campanha pró-saneamento e o peso de sua adesão à causa em termos de repercussão pública, sobretudo por associá-la à conversão do Jeca Tatu, de caboclo inerte e indolente a um próspero e ativo agricultor inspirado no paradigma do *farmer* americano, depois de ter observado os enunciados da ciência médica e se curado das parasitoses que o exauriam. A experiência com Neiva e Iguape desempenhou papel significativo no entusiasmo do literato com o saneamento, atuando como testemunha do papel da doença no enfraquecimento das populações do interior e do potencial da saúde pública em regenerá-las:

Quem, por viver no mundo da Lua, inda descrê do nosso estado coletivo de doença, e atribui esta campanha do saneamento a mil e um mevis, menos ao único real: desejo ou ânsia de ver queimar-se o derradeiro cartucho na defesa da nacionalidade vacilante, que vá a Iguape. Que vá a Iguape que de lá voltará apóstolo. Iguape lhe porá ante os olhos, em que eloquente epitome, o quadro geral da caquexia orgânica em que emperrou o país. Iguape é o Brasil (...). A ofensiva de Iguape merece ser

⁷ Ver: BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995, p.23.

divulgada com amplitude para orientação das subsequentes, e lição aos incréus (LOBATO, 19, p. 303- 306).

A excursão a Iguape também despertou a admiração que Lobato passou a nutrir por Neiva: “Graças à orientação de Arthur Neiva a campanha foi iniciada de modo a demonstrar por A mais B não só a nossa capacidade científica, como também a nossa capacidade organizadora”. Para o escritor paulista, Neiva era o protótipo do "homem de ciência", pela ação direcionada, pela prática em detrimento da retórica. Esta visão coadunava-se com o discurso que procurava diferenciar a ciência da literatura no contexto de especialização intelectual, em que a geração de pesquisadores do início do século XX colocou-se e foi representada como portadora de uma nova atitude intelectual, distinta do que retratavam como tradição retórica e bacharelesca (SÁ, 2006). "Nada de pedir à retórica ou à política, ou à etnografia, explicações que nada explicam. Mudemos de rumo. Peçamos a opinião da ciência experimental e a parasitologia no lá dará sinceríssima (...) ela nos fará estas tremendas confissões” (LOBATO, 1918, p. 304), escreveu o literato em elogio à ação sanitária de Neiva na cidade da costa paulista. Tamanha admiração provocou no escritor as iniciativas tomadas pelo então chefe do Serviço Sanitário paulista, que ele escreveu um texto em sua homenagem, intitulado “Artur Neiva”:



www.revistafenix.pro.br

Neiva criou demais, inovou demais (...). Não se limitou Neiva à função cômoda de chefe dum departamento público, com rapapés lisonjeiros aos jornais, tendentes a criar uma irisação adjetivosa em torno de sua pessoa. Criou. Plantou. Semeou. Remodelou serviços velhos e iniciou serviços novos. Restringiu a burocracia ao mínimo. Venceu a resistência tremenda do espírito de inércia, de rotina e de apercepção (LOBATO, 1918, p. 226).

Lobato reconheceu no cientista um representante do patrimônio intelectual de Oswaldo Cruz, falecido em 1917. Conforme argumenta Nara Azevedo (1995, p. 52), a morte do idealizador de Manguinhos deu lugar a um processo de mitificação da sua figura; a "uma profusão de imagens que põem em evidência tanto a idealização do cientista como a valorização de seus herdeiros ou discípulos." Tanto os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, quanto os membros das demais instituições de pesquisa biomédica e a classe médica em geral dedicaram-se a cultivar a memória do "mestre", retratado como o patrono da ciência no Brasil, edificador da medicina experimental e saneador da capital federal. A tradição científica da "escola de Manguinhos" serviu para que os discípulos de Oswaldo Cruz se legitimassem na esfera pública e na arena política, chancelados pelo vulto simbólico do "mestre" (BRITTO, 1995, p. 37). O escritor contribuiu para a edificação dessa memória e mitologia ao caracterizar Oswaldo Cruz como inaugurador da medicina

científica no Brasil enquanto prática distinta da medicina popular: “até Oswaldo Cruz, o médico no Brasil era o Chernoviz⁸: xaropes, iodureto e a continha. Curava – quando não matava. Prevenir, nunca. O higienismo dormia o sono das crisalidas, apesar do movimento científico universal determinado pelas teorias pasteurianas” (LOBATO, 1918, p. 226). Lobato também identificara Oswaldo Cruz⁹ como exemplo de homem público pela amplitude de sua ação na higiene: “Oswaldo Cruz: Ninguém, entre nós, realizou obra de tal magnitude no curto espaço de 17 anos de vida pública. Remodelou a higiene no Brasil no decurso de três anos, realizando a prodigiosa obra de extinção da febre amarela...” (LOBATO, 1916, p.4).

O escritor paulista reconheceu o mesmo tino científico e espírito público em Arthur Neiva e certamente em razão disso viu nele um interlocutor para seus diagnósticos e projetos que passavam pela construção de uma nação moderna, livre da inércia do passado colonial e dos entraves da burocracia. Por diversas vezes ele fez referência na correspondência a estes elementos como em carta de 13 de fevereiro de 1931, em que alude ao amigo como “o homem moderno, isto é, o homem de ciência para o qual não há salvação fora dela”¹⁰. Neiva foi um representante eloquente do discurso em favor das ciências como atividade intelectual especializada, tanto pelo envolvimento em ações práticas orientadas pelos ditames científicos, quanto pela organização de instituições e pelo esforço de vulgarização científica. Nesse aspecto, o amplo movimento público em favor do saneamento acompanhou a criação de espaços de defesa das ciências, como a Sociedade Brasileira de Ciências, criada em 1916, e a Rádio Sociedade, que surgiu em 1923, à mesma época em que o cientista adensava as ações de comunicação do conhecimento científico no Museu Nacional com a criação do *Boletim do Museu Nacional* e do fomento de publicações especializadas em história natural e arqueologia (BORGMEIER, 1940). Os cientistas eram vistos como intérpretes, construtores da cultura e reformadores sociais. As revistas e os jornais também foram canais importantes para a promoção do saber na medida em que se tornaram “o espaço para a propagação de ideias e dedicação sistemática à atividade pensante” (SÁ, 2006, p. 44).

No mesmo ano de 1918, em que Lobato adquiriu a *Revista do Brasil* e acompanhou Neiva nas campanhas em Iguape, ele reuniu os textos em que divulgava a conversão do

⁸ O “Chernoviz” era um manual de medicina doméstico bastante disseminado no Brasil desde o Império. Ver: GUIMARÃES (2016), Maria Regina Cotrim. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. História e Saúde. Fiocruz*, Rio de Janeiro, 2016.

⁹ Biblioteca Florestan Fernandes – USP RBR. **Revista do Brasil**. Resenha do Mez v. 1, janeiro de 1916.

¹⁰ Carta de Lobato a Neiva em 13 de fevereiro de 1931. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

Jeca ao saneamento no livro *O Problema Vital*. A publicação editada pela *Revista do Brasil* tinha o apoio da Liga Pró-Saneamento e da Sociedade Eugênica de São Paulo, associações em que participaram tanto o sanitarista quanto o escritor, ou seja, mais um espaço de convergência das trajetórias e de sedimentação das afinidades que os aproximavam. A Sociedade Eugênica foi a primeira instituição sul-americana dedicada ao estudo e à propagação de ideais eugenistas. Definia-se como uma “organização científica” de estudos e aplicação da eugenia no Brasil. Os principais objetivos eram responder questões relacionadas à hereditariedade, à descendência e à evolução para a conservação e aperfeiçoamento da espécie humana. Os estatutos definiam a importância do estudo da legislação, dos costumes e das influências do meio sobre as “aptidões físicas, morais e intelectuais das gerações futuras”; da divulgação da eugenia entre o público; do estudo da regulamentação matrimonial e da campanha pela obrigatoriedade do exame pré-nupcial (SOUZA, 2006, p.35).

Além de Lobato e Neiva, outros intelectuais dividiram suas atenções entre a Liga Pró-Saneamento e a Sociedade Eugênica, sobreposição que ratifica a forte confluência entre os discursos sanitaristas e eugenistas no Brasil apontado pela historiografia sobre o tema (HABIB, 2003, STEPAN, 2005, SOUZA, 2006). Como declara Vanderlei de Souza (2008, p. 154), o movimento eugênico surgiu “em estreita consonância com as ideias e práticas divulgadas pelos médicos sanitaristas”. Para estes, argumenta Souza (2008, p. 154), a eugenia representava “um símbolo de modernidade”. Na *Revista do Brasil*, Renato Kehl afirmara que “sanear é eugenizar” (SOUZA, 2006), ou seja, higiene e eugenia “frequentemente eram encaradas senão como sinônimos, pelo menos enquanto ciências que compartilhavam objetivos muito próximos” (LUCA, 1999, p. 223). Monteiro Lobato serviu de bom grado aos dois senhores, abraçando tanto os enunciados do saneamento que propugnavam pela melhoria da raça através do combate às patologias que comprometiam o patrimônio biológico das populações, como também apoiando estreitamente as concepções mais radicais e assertivas do principal divulgador da eugenia no Brasil, Renato Kehl (HABIB, 2003). Ao lado da educação eugênica, dos estudos sobre hereditariedade, da defesa da “seleção conjugal” e da esterilização dos “inaptos”, Kehl defendia as medidas convencionais de saneamento, tendo ele próprios perfilado nas ações de saúde pública, ainda que mais tarde tenha se esforçado em distinguir os dois campos de ação (SOUZA, 2006).

Lobato emprestou seu prestígio intelectual ao movimento eugênico, assim como a estrutura editorial da *Revista do Brasil* e de sua editora, fundada em 1916 e comprado pelo

literato em junho de 1918, para divulgação daquelas ideias. Livros de Renato Kehl foram editados por ele, como também os *Annaes de Eugenia*, por meio dos quais a eugenia foi recebida pelos membros da sociedade como a “nova ciência” médica que contribuiria junto com a higiene e o saneamento para fortalecer o vigor físico, intelectual e moral da população brasileira. Distinguimos aqui a empatia de Lobato pelas ideias que portavam a marca de vanguardas científicas, mas também seu perfil de publicista, que utilizou da ampla engrenagem que tinha à sua disposição para divulgar suas convicções e promover as mudanças que julgava indispensáveis para o progresso do Brasil. A repercussão da figura do Jeca Tatu certifica esse traço: em 1919, o personagem ganhou projeção pela menção feita em discurso de Rui Barbosa e, nos anos 1920, tornou-se figura frequente nas páginas da *Revista do Brasil* e na imprensa em geral, além do almanaque do Biotônico Fontoura, no qual o configurou especialmente para o público infantil – o Jeca Tatuzinho. Anos depois, Neiva se referiu ao dinamismo daquela campanha:

Lobato, escreva qualquer coisa naquele seu estilo, como já tanta vez o fez, naquela apologia do Jeca, expressão da pátria nacional, alvo como aquela campanha de saneamento, com aquele espírito que levou a fundar a Revista Brasileira para contar e tratar coisas deste Brasil, que pensam ser uma nação e que, no entanto, brinca disto.¹¹

A estratégia publicitária de Lobato de divulgação do Jeca regenerado pela medicina ajudou a difundir o ideário sanitarista, para o qual o personagem tornou-se um ícone. Não é por acaso que ele fundamenta a interpretação da historiografia segundo a qual o discurso da reforma social pela saúde pública e aniquilação da doença representa uma inflexão no pensamento social e no debate sobre a nacionalidade, como superação do fatalismo biológico e climático (HOCHMAN, LIMA, 2000, 2009; SÁ, 2009). A localização nas latitudes tropicais e a composição racial da população não seriam obstáculos intransponíveis para o ingresso do Brasil no concerto das nações civilizadas. A higiene trazia o receituário para promover a modernização através do saneamento dos interiores e dos "sertanejos". Nesse sentido, o elogio à segregação racial nos EUA pelo escritor paulista em 1928 soaria como uma contradição à postura que adotara como partidário do sanitarismo e crítico do determinismo climático e biológico. Ela pode ser lida como uma mudança de opinião, como ambivalência ou paradoxo do indivíduo, ou ainda como uma radicalização das concepções racistas. No entanto, se analisarmos o Jeca sob a ótica da defesa da paulistanidade como vanguarda da expressão nacional, inclusive em seu viés

¹¹ Carta de Lobato a Neiva, em 06/08/1920. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

racial, é possível traçar uma linha de continuidade. O aparente paradoxo se converte em um discurso coerente pela forma como o literato e sua rede de interlocutores tratou do papel de São Paulo nos projetos e anseios de Brasil moderno. Também nesse aspecto Neiva foi um interlocutor de destaque.

O CABOCLO CAIPIRA, A PAULISTANIDADE E O DEBATE RACIAL

Na obra *O Problema Vital*, em que divulgou suas concepções acerca do papel do saneamento na regeneração do Jeca Tatu, Lobato afirmou: “Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais a filhos e agravado dia a dia” (LOBATO, 1918/1968, p. 305-306). Na hierarquia que orientava o pensamento racialista de Lobato, o Jeca estaria entre o silvícola e o europeu; uma sub-raça. Esta associação do Jeca Tatu com a “raça dos bandeirantes” sugere como Lobato alinhou-se aos discursos e representações que pensaram a identidade nacional a partir do regionalismo paulista, uma afinidade partilhada com Neiva. O aparente paradoxo de pensar a nação a partir da experiência regional do estado foi marcante entre o grupo que se reuniu em torno da *Revista do Brasil*, conforme aponta Tania Regina de Luca (1999). Em vista do desenvolvimento econômico paulista, propiciado pelas exportações de café e pelo surto industrial, São Paulo foi retratado como emblema do Brasil que tinha dado certo e, portanto, representaria um modelo para o progresso do país.

A prosperidade material do estado de São Paulo foi apresentada como um signo de excelência racial (LUCA, 1999; FERREIRA, 2002; WEINSTEIN, 2007; FERRETTI JR., 2020). Esta concepção da superioridade e da sua especificidade frente às demais regiões do Brasil sedimentou-se em uma produção intelectual que abrangeu a historiografia, como também a literatura. Antonio Celso Ferreira (2002) denomina “epopeia bandeirante” a este conjunto de discursos que construiu um “mito de origem” que atribui ao bandeirantismo o papel de alargar as fronteiras nacionais e assegurar a formação do território brasileiro. Os povos que viviam no planalto paulista durante o passado colonial foram retratados como autonomistas aventureiros e arredios em relação ao domínio da Coroa portuguesa. Segundo Tânia de Luca (1999, p. 298): “Os atributos da nacionalidade - fronteiras definidas, conquista da soberania política, feitos históricos gloriosos, habitante dotados de traços étnicos específicos, posse de uma língua e de uma cultura própria - acabaram sendo creditados exclusivamente aos paulistas.”

Apesar de baiano, Neiva foi um representante desta visão nacionalista refratada pelo ufanismo paulista. Ele é o autor da célebre frase: “São Paulo é a locomotiva que arrasta vinte vagões, constituídos pelos estados, e cujos passageiros bramam e reclamam da máquina, quando esta solicita dos poderes combustíveis para arrastar o trem pesadíssimo que ela, a arfar, vai puxando em rampa forte” (BORGMEIER, 1940, p. 74). A sentença reúne de forma emblemática a ideia do estado como vanguarda nacional, ícone do progresso e da modernidade, cujo dinamismo contrastava com o atraso e parasitismo das demais regiões. Por diversas vezes ele reforçou tal ideia, inclusive no diálogo com Lobato: “Dependesse de mim, é São Paulo que dirigia o Brasil durante 50 anos”, escreveu ao amigo em junho de 1935, quando suas relações com o estado já haviam passado por injunções complexas derivadas do turbulento contexto instituído desde a chegada de Vargas ao Poder em 1930.¹²

A visão da especificidade e superioridade de São Paulo atribuía a prosperidade da região a fatores culturais que, no entanto, eram entrelaçados com concepções racialistas. Como argumenta Barbara Weinstein (2007, p. 297), os tropos de modernidade e civilização que sustentavam esse discurso de superioridade “serviam facilmente para um discurso racializado, sem precisar fazer referência explícita à raça e cor”. A ideia de identidade regional sustentada em uma narrativa específica da história brasileira envolvia explicitamente uma determinada visão de miscigenação racial, segundo a qual São Paulo teria sido palco de uma mescla “bem-sucedida” entre o português e o indígena, ocorrida no contexto de isolamento do planalto paulista e pela aventura do bandeirante (MONTEIRO, 1994; FERREIRA, 2002). Um dos principais representantes desta versão racializada da história paulista foi o historiador Alfredo Ellis Jr. Para ele, “mamelucos paulistas constituíram uma sub-raça fixa, eugênica, com os seus atributos inigualáveis de grande fecundidade, magnífica longevidade e espantosa varonilidade” (FERREIRA, 2002, p. 334). Nessa matriz discursiva, os negros são francamente negligenciados. A escravidão é retratada como um mero interregno no percurso histórico da região, tendo sido brevemente suplantada pelo afluxo de imigrantes europeus, sem deixar marcas nem contributos culturais dignos de atenção. A mestiçagem “eugênica” entre europeus e indígenas teria prevalecido sobre aquela entre brancos e negros. A renovação do “sangue” europeu pela chegada massiva de imigrantes condenaria mulatos e negros ao paulatino desaparecimento ao mesmo tempo em que consolidaria a vocação de São Paulo para a mistura racial (FERREIRA, 2002).

¹² Carta de Arthur Neiva a Monteiro Lobato de 11 de junho de 1935.

No campo da literatura, esta visão encontrou lugar na produção literária que Ferreira (2002) agrupa sob a categoria “caboclisto”, intensamente devotada em caracterizar o caipira do interior como repositório autêntico da nacionalidade e que ganhou densidade nas décadas de 1910 e 1920. O Jeca Tatu de Monteiro Lobato pode ser filiado a este conjunto discursivo: o caboclo regenerado pelos ditames da “nhá Ciência” é a caracterização do “tipo brasileiro”, modelado a partir da gramática do regionalismo paulista. Ele poderia ser o prócere da civilização desde que tivesse seu potencial reavivado, o que só seria possível se resgatado pelo saneamento, de maneira que a sua cura individual representava também a cura do corpo coletivo, que é a nação brasileira. Se por um lado o escritor mitiga o peso atávico da herança racial em favor de uma visão mais flexível, em que defende a possibilidade de “redenção” do brasileiro do interior pela ciência médica, por outro permanece adepto de uma visão mais negativa em relação aos negros e à miscigenação destes com os brancos. Se o Jeca Tatu era da mesma “raça do bandeirante”, ele possuiria uma herança particular, que não envolveria o “sangue africano”, na linha do discurso épico que identificava a formação de São Paulo e o suposto protagonismo da região na constituição da nação brasileira como resultante da mescla entre europeus e indígenas. Sua indolência e apatia eram atributos da doença e não do patrimônio biológico, o que não valeria para o caso de negros e mulatos. Para estes, a única forma de a ciência “redimir” o país seria pela observância das normas da eugenia. Na visão do ufanismo paulista, os demais estados do Brasil permaneciam reféns do atraso por terem sediado amplamente a miscigenação entre brancos e negros, além de atrasados e “sobrecarregados pelo legado colonial do declínio do domínio português, pela monarquia obscura e pela plantation” (WEINSTEIN, 2007, p. 287). O “estado bandeirante”, por sua vez, era apresentado como composto por um “extrato étnico diferenciado” – uma “raça de gigantes” dotada de potencial de ação e força mobilizadora; “o índice fiel, honesto e honroso da capacidade realizadora da nossa raça” (LUCA, 1999, p. 35). Nesse sentido, o conflito entre São Paulo com os outros estados e com o poder central também assumia percepções racializadas.

Isto se expressa de forma bastante clara no diálogo entre Neiva e Lobato, em que o entusiasmo pelo regionalismo paulista se associa a uma forte aversão ao Rio de Janeiro. Por ser a sede do governo federal, a cidade concentraria todo o legado negativo da herança colonial: o domínio português, que se traduz em uma mentalidade atrasada, no bacharelismo e nas peias da burocracia, junto à condenação persistente da presença das populações de origem africana. Assim, as linhas trocadas entre os dois missivistas são

eivadas de antilusitanismo e de declarações insultuosas à capital brasileira. Em contraste, o progresso de São Paulo é associado à gradual libertação da herança colonial ibérica, como expresso nessas linhas que Lobato enviou a Neiva em 21 de junho de 1918: “São Paulo será uma coisa melhor porque está se deslusitanizando¹³. O progresso das nossas zonas é diretamente proporcional ao grau de deslusitanização operado. O mal secreto do Rio é mais que o bahianismo e o lusitanismo. Chega a cercear o pensamento dos que se dirigem ao público.”¹⁴ Em outra missiva, de 10 de junho de 1920 afirmou:

Disse há dias a um portuguesote fresco que cá me apareceu recomendado por carta do Virgílio Machado (imagine!) a fim de trabalhar na ‘grande obra de aproximação do Brasil e de Portugal Mas, meu caro, custou tanto desaproximar-nos e o senhor já quer inutilizar essa grande conquista? Não vê que se temos algum progresso aqui em São Paulo é porque a obra de desaproximação está mais adiantada?¹⁵

Para Lobato, a inércia do Brasil em atingir o progresso devia-se ao peso atávico da colonização por um país decrépito:



Vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar de sua mentalidade. É o caso perdido que eu já supunha aí (...) não é um país novo como os jornais e todo o mundo vivem a proclamar e sim um dos países mais velhos do mundo. Idade se conhece pelos sinais do tempo no organismo, rugas, cabelos brancos, arteriosclerose, e não vejo povo que apresente mais destas coisas. Herdou em 1500 a decrepitude de Portugal e aperfeiçoou-se a ponto que importa português para remoçar sangue.¹⁶

Este tipo de visão encontrava ressonância no correspondente, que também vinculava o progresso brasileiro ao distanciamento da herança ibérica (SOUZA, 2009). Para Neiva, a definição da identidade nacional passava por encontrar a especificidade brasileira inclusive no domínio da língua, recuperando formas próprias de expressão que distinguiriam a variante “americana” do idioma português da variante “europeia”, o que possibilitaria resgatar as raízes autênticas da nossa cultura. Ele engajou-se ativamente nisso pelo estudo da influência do tupi-guarani na língua falada e escrita no Brasil. Trocou farta correspondência com informações sobre os “tupinismos” com o diretor do Museu Paulista, o historiador Affonso Escragnolle Taunay, que também compunha a rede do grupo d’O *Estado* e foi um dos artífices da “epopeia bandeirante”, com farta produção historiográfica

¹³ Carta de Lobato a Neiva de 21/06/1918. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

¹⁴ Carta de Lobato a Neiva de 21/06/1918. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

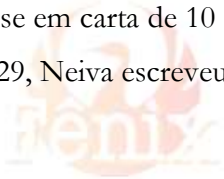
¹⁵ Carta de Lobato a Neiva de 10/06/1920. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

¹⁶ Carta de Lobato a Neiva, de 09/09/1927. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

sobre o passado colonial de São Paulo (ARAÚJO, 2006). Segundo Neiva, São Paulo guardava mais do que as outras regiões as formas autênticas de expressão linguística, distintas das lusitanas, e por isso rumava para ser o epicentro da cultura nacional:

O centro nacional desloca-se para São Paulo em tudo, incluindo letras bancárias e outras. A nacionalização literária vai começar com este movimento e eliminar os editores portugueses que nos querem impingir a língua sem terem levado em consideração a variante brasileira criada pelo Jeca¹⁷.

No campo científico, Neiva atribuía ao legado ibérico a tendência dos brasileiros em acreditar muito mais no fantástico do que na realidade, alimentando uma mentalidade avessa ao cultivo das ciências. Via nisso um sinal de estupidez herdada de Portugal: “A herança portuguesa criou um depósito de chumbo nas células cerebrais dos seus descendentes, em geral somos burros de nascença e burros morremos. O Brasil é o robusto filho de Portugal e poderá mudar seu nome com justiça para o de Portugalão”, escreveu a Lobato em 21 de dezembro de 1929. Afinava-se nesse aspecto com o escritor na constatação de que o problema fundamental do Brasil era “má semente”, como este lhe disse em carta de 10 de junho de 1920 enviada a Arthur Neiva. Em carta de 30 de junho de 1929, Neiva escreveu:



www.revistafenix.pro.br

Nós somos uma volumosa melancia que nem de vez está. Se formos transplantados não poderemos reproduzir, por falta de amadurecimento, a bojuda cucurbitácea que simbolizamos. Não valeria mais sermos o minúsculo fruto da mostarda, inteiramente amadurecido, mas capaz de se multiplicar com todas as características da espécie que pertencemos? (..) Fora de São Paulo, meu caro Lobato, o Brasil todo é uma pitoresca pilhéria¹⁸.

Neiva alinhava-se nesta interpretação a outros intelectuais da rede de sociabilidade de Lobato, como Fernando de Azevedo, para quem a herança ibérica tornava o Brasil refratário ao desenvolvimento das ciências, uma visão oriunda de raízes historiográficas (MORAES, 1995). Para Neiva, o legado lusitano era um obstáculo às ciências e à modernização em geral também pelos vícios da burocracia e pela morosidade, como confessou a Lobato ao narrar sobre umas de suas grandes realizações científicas - a criação do Instituto Biológico de São Paulo, ocorrida em dezembro de 1927: “Ontem, em conversa com o Rocha Lima chegamos ao acordo de que para no Brasil se fazer qualquer coisa de

¹⁷ Carta de Neiva a Lobato em 01/02/1924. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

¹⁸ Carta de Neiva a Lobato, de 30/06/1929. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

sério o esforço é cem vezes maior do que o exigido no estrangeiro.”, carta de Neiva a Lobato em 4 de março de 1929. Mais adiante, em 1935, depois de já ter passado por instituições científicas diversas e pela vida política, na qual atuou como interventor na Bahia, secretário do Interior em São Paulo e deputado federal, ele desabafou:

Recorda-se meu bom amigo da fobia que sempre tive pela burocracia e aos 55 anos de experiência administrativa em nosso país lutando contra ela, eu só vi este percevejo, que qualquer grande urso poderia esmagar, crescer cada vez mais e hoje atingir as dimensões de um grande urso tendo a força deste.¹⁹

Assim como Lobato, Neiva direcionou ao Rio de Janeiro o foco do seu descontentamento com a herança ibérica e o burocratismo, onde segundo ele, “a única coisa séria é o Carnaval”²⁰. O cientista, porém, foi mais comedido que o literato em expressar esse conflito em termos raciais. Muito embora, como afirma Weinstein (2003), o discurso em favor da modernidade e da civilização se prestava a uma interpretação racializada mesmo sem fazer referência explícita ao tema da raça e da cor. É interessante observar que em Lobato, esta vinculação dos problemas nacionais com a composição racial da capital federal parece ter se tornado mais recorrente com sua mudança para o Rio em 1925, depois da falência de sua editora em São Paulo. Mas as impressões negativas da cidade eram bem anteriores. Em 1908 já expressara a condenação da presença negra na capital ao amigo Godofredo Rangel: “Que contra-Grécia é o Rio. O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral. E no físico – que feiúra!” (MORAES, 1997, p. 105). A mesma impressão comunicou a Anísio Teixeira: “O mal é a cabeça do país ser o Rio – aquela mazela em ponto cidade (...). O Rio é um fenômeno de parasitismo consciente e organizado, que em nada crê, pilheria a propósito de tudo, tem graça, é leve e por isso tudo terrivelmente venenoso e envenenante”²¹ (LAMARÃO, 2002, p. 63). Em 1926, quando já morava no Rio, admitiu que gostava em certa medida da cidade, mas a comparava “a um tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil” (MORAES, 1997, p. 105). Naquele período ele também estreitou os laços com Renato Kehl, que radicalizava suas concepções eugênicas, como mostra Vanderlei de Souza (2008), principalmente depois de sua viagem à Alemanha em 1927. Em carta a Kehl, escreveu: “Tu

¹⁹ Carta de Neiva a Lobato, de 11/06/1935. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

²⁰ Carta de Neiva para Lobato de 08/04/1935. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

²¹ Carta de Lobato a Anísio Teixeira enviada em 16/10/1929.

és o pai da Eugénia no Brasil [...] Precisamos lançar, vulgarizar essas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha”²².

Em 1926, Lobato publicou seu único romance, *O Presidente Negro O Choque das Raças* em que expressou de forma bem explícita sua adesão aos ideais eugênicos e o racismo em relação aos negros e mulatos. Tratava-se do seu “romance americano”, através do qual pretendia atingir o público dos Estados Unidos e conquistar projeção internacional, conforme admitiu a Neiva em carta:

Tirei o mês de junho para escrever um romance americano que me pediu um publisher de lá. Fí-lo em 20 dias ao correr da pena, e aproveitando uma velha ideia que um dia lhe comuniquei. Quero dedicar este livro ao Dr., mas antes disso desejo a sua opinião. Vou mandar-lhe uma cópia logo que o copista me entregue as que lhe pedi. Peço-lhe que leia e sugira mais alguma coisa aproveitável. Vai sair em português, francês, alemão, espanhol e inglês ao mesmo tempo. Hei de dar uma tacada no único bicho que há hoje no mundo: E.U.²³

Ao que tudo indica Neiva não respondeu ao pedido de opinião de Lobato. Pelo menos a correspondência entre os dois intelectuais não registra o posicionamento do cientista acerca do romance do amigo. Haveria neste silêncio uma desaprovação ou um consentimento? Godofredo Rangel também se silenciou depois de receber as provas tipográficas do livro, o que preocupou bastante o escritor. É interessante observar que em crônica de 1921, que em 1927 compôs a coletânea de escritos *Daqui e de Longe*, Neiva manifestou repúdio ao ódio racial nos EUA:

Fui encontrar nos EUA tudo o que se negava por aqui: ciência, idealistas, filantropia, arte, literatura e, sobretudo uma capacidade de organização verdadeiramente assombrosa (...) pude observar também o rancor profundo que separa, nas menores coisas, os americanos brancos dos seus compatriotas de cor. E com profundo espanto verifiquei que o forasteiro, quando não contaminado pela mesma ordem de ideais, pelo menos rapidamente a elas se acostuma, achando tudo profundamente natural. Nos Estados Unidos o ódio de raças está acima de tudo [...]. Não seria o tempo deles iniciarem a propaganda contra o ódio de raças?²⁴

²² Carta de Monteiro Lobato a Renato Kehl, sem data. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

²³ Segundo Emerson Tim (2007), essa carta recebeu no CPDOC/FGV, a seguinte datação, manuscrita, a lápis, no alto da folha: “JUL. 20 /JAN. 21” (TIM, 2007, p. 453).

²⁴ NEIVA, Arthur. Presente de Negros. **Daqui e de Longe...** São Paulo: Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 1927, p. 106. Com exceção de dois trabalhos e a resposta ao inquérito aberto pelo “Estado” sobre o Ensino Superior, em Outubro de 1926, os demais artigos que formaram este livro foram publicados no “Estado de S. Paulo” e na “Revista do Brasil”, de agosto de 1921 a janeiro de 1923.

Tanto em *O Choque das Raças* como em *Mr Slang e o Brasil*, publicado no ano seguinte (1927), e mais tarde, em *América* (1932), Lobato professou de forma entusiasmada sua admiração pelos Estados Unidos, como também manifesta na carta acima. Em função disso, tornou-se um dos principais representantes do “americanismo” no Brasil, divulgando em seus escritos as palavras que “adquiriram um significado mítico na ideologia do americanismo: progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão de vida americano” (TOTA, 2000, p. 20). O fascínio e a identificação com o “vizinho do Norte” só fizeram crescer desde que se mudou para Nova Iorque, em 1927, para atuar como adido comercial do governo de Washington Luís, cargo que exerceu até 1931, quando as mudanças do governo provisório de Getúlio Vargas tornaram insustentável sua permanência no posto. A estadia nos Estados Unidos e esse americanismo exacerbado são o contexto imediato que emoldura as declarações de Lobato em favor da segregação racial e de grupos que pregavam o ódio e perseguição racial. O americanismo e o racismo eram componentes constitutivos do repertório intelectual do literato, da sua rede de sociabilidade e geração, muito embora nem todos os indivíduos daquele coletivo expressassem suas convicções na mesma nota.

O RACISMO DE LOBATO NO CONTEXTO DO DIÁLOGO COM NEIVA

O lugar das teorias eugênicas em *O Choque das Raças* já foi bem analisado pelos autores que tratam do racismo em Monteiro Lobato (HABIB, 2003; STANCIK, 2005; SOUZA, 2017). Basicamente ele retrata a sociedade estadunidense no ano de 2228, em que uma série de circunstâncias provoca iniciativas de extermínio dos negros, depois de um presidente negro ter sido eleito. Para o literato: “Literatura é um modo indireto de fazer eugenia e os processos indiretos, no Brasil, work muito mais eficiente” (DIWAN, 2007, p. 111). Como foi dito, a intenção de atingir o público americano fracassou. O teor do romance de Lobato equivalia a “falar de corda em casa de enforcado”, como bem expressou um dos principais biógrafos do escritor, Edgar Cavalheiro (1955). A admiração pela organização social dos EUA, no entanto, só aumentou depois que se mudou para lá, inclusive no tocante à segregação racial. Se no Brasil ele se sentia “um peixe fora d’água desde 1882”, data de seu nascimento, nos EUA ele finalmente havia se encontrado – “Isso aqui é o mar do peixe Lobato” (FERRETTI JR., 2020, p. 70). Ele compartilhou com Neiva seu encantamento:

Acabo de chegar de uma excursão de 560 milhas por essas estradas, não só maravilhosas, como únicas (...). Que estradas, que culturas, que gado, que cidades, que riqueza generalizada, que povo imensamente feliz! Nem um pobre pelo caminho a pedir esmola pelo amor de Deus, nem um estropiado, nem um esfarrapado. Todos felizes, todos no seu *job* bem remunerado (...) vejo aqui todos os problemas resolvidos e uma média de felicidade individual que nenhum sociólogo julgou possível. É positivamente o primeiro país que acertou a mão na ciência do viver coletivo²⁵.

Não tardou para que o escritor contrastasse o padrão de desenvolvimento norte-americano com o brasileiro, o que o levou à conclusão de que éramos um “caso perdido”, como declara em carta já citada, em que atribui como primeiro problema o fato de sermos um país velho, colonizado por uma cultura já decrépita. Além disso, faltaria ao brasileiro se conscientizar da dimensão de sua burrice:

Somos imensamente burros, tão burros que não nos apercebemos disso. Inda não vi um jornal daqui falar na inteligência do americano. No dia em que eles descobrirem que são inteligentes é possível que comecem a desandar e emburrecer, do mesmo modo que, no dia em que nos convenceremos da nossa burrice hereditária, é possível que comecemos a ficar inteligentes²⁶.

Segundo Lobato faltava ainda ao brasileiro se convencer da dimensão de sua pobreza e doença, no âmbito da qual sublinhou a “paralisia”: “Um país onde um sujeito para ir de um lugar a cem milhas de distância precisa, salvo honrosíssimas exceções, montar um nosso irmão cavalo e gastar 150 horas de sua vida é positivamente um país paralítico”. O vigor e dinamismo dos EUA “não pode ser compreendido por velhos países caquéticos e esclerosados ou por países que nasceram errados etnicamente e cumprem o ditado de quem nasce para dez réis não chega a vintém”²⁷. Tornou pública esta interpretação no prefácio de *América*: “A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à natural incompreensão que o carro de trás sempre há de ter da locomotiva” (LOBATO, 1931, prefácio). Nessa visão profundamente pessimista e cética que ele declara:

Diversos amigos me dizem: porque não escreve suas impressões? E eu respondo: porque é inútil e seria cair no ridículo. Escrever é aparecer no tablado de um circo muito mambembe, chamado imprensa, e exhibir-se diante de uma assistência de moleque *feeble-minded* e despidosda menor noção de seriedade. Mulatada, em summa. Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma KuxKlan, é paiz perdido para

²⁵ Carta de Lobato a Neiva, de 09/09/1927. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

²⁶ Carta de Lobato a Neiva, de 09/09/1927. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

²⁷ Carta de Lobato enviada a Neiva em 10/04/1928. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921

altos destinos. André Siegfried resume numa frase as duas atitudes. 'Nós defendemos o front da raça branca' - diz o Sul - 'e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil.' Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivéssemos ahi uma defeza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estariamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva²⁸.

A visão negativa da mestiçagem entre negros e brancos já havia sido publicamente divulgada em *O Choque das Raças*. Se a forte segregação racial nos EUA era condenável “do ponto de vista filosófico”, do ponto de vista da “higiene racial” era uma medida justificável, defendia Lobato. Poderia, por isso, ser um modelo para o Brasil, muito embora São Paulo representasse uma exceção por supostamente não contar em sua composição racial e cenário cultural com uma presença negra significativa e, além disso, por renovar seu “estoque” com o sangue europeu representado pelos imigrantes de maneira que “já estava inteiramente ganho pela corrente da civilização”, como comentou com Anísio Teixeira em missiva em que comunicou o fascínio pelos EUA (LAMARÃO, 2002). A “Contra-Grécia” da capital federal seria o oposto disso, por atuar como o bastião do lusitanismo, do burocratismo, da mestiçagem e de todos os demais vícios herdados da história pregressa do país. A repulsa ao negro e a declaração racista e virulenta à imprensa carioca mesclavam as convicções intelectuais do escritor com a contrariedade pessoal pelas críticas que os jornais lhe direcionavam. Segundo ele “aqueles piolhentos jornais do Rio”²⁹ comparavam-se a uma “carroça de lixo”. Tal contrariedade subiu de tom em virtude do desapoio da imprensa à campanha pública que Lobato passou a realizar pela adoção do processo Smith na produção de ferro. A campanha pelo ferro e o petróleo praticamente monopolizaria as cartas com Neiva desde que foi para os EUA até o final da correspondência. Apesar da relevância do tema, escapam do foco do presente ensaio e já foram bem examinadas por Ibañez, Roncón e Almeida (2012) e por Rhaiane Leal (2020).

O americanismo ajustava-se bem à matriz discursiva compartilhada por Lobato e Neiva. O cientista havia vivido por um ano em Washington, em 1910, período em que frequentou o laboratório de entomologia chefiado por Lelian O. Howard, um dos mais importantes centros internacionais de pesquisa entomológica da época. Ao passar pela capital norte-americana em 1907, Oswaldo Cruz ficara impressionado com a organização da instituição e designou o jovem pesquisador a aprofundar lá seus estudos que já vinha

²⁸ Carta de Neiva a Lobato, de 15/05/1936. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

²⁹ Carta de Lobato enviada a Neiva em 10/04/1928. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

desenvolvendo sobre insetos de importância médica, principalmente as anofelinas, família dos transmissores da malária (BENCHIMOL, SILVA, 2008).

Lobato enfatizou o papel das ciências no dinamismo dos EUA e identificou em Neiva um agente capaz de promovê-las no Brasil, como na carta em que parabenizou o amigo ao receber o primeiro volume dos *Archivos do Instituto Biológico*, publicação que o pesquisador criara para comunicação dos conhecimentos produzidos na instituição que havia fundado em São Paulo: “Felizmente, a ciência vai entrando no Brasil – e quanto graças à sua atividade! País sem ciência hoje é país derrotado! Aqui, a cada momento desabrocha algo novo – tudo filho dos laboratórios, dia a dia mais *busy*”³⁰. Além do cientificismo, o americanismo combinava-se com o ufanismo paulista compartilhado pelos dois personagens, uma concepção que como vimos não estava alheia a percepções racialistas. Cumpre observar, no entanto, que ao endossar as ações de ódio e segregação racial nos EUA, Lobato mostrava-se mais radical que o próprio Alfredo Ellis Jr., um dos principais ideólogos da noção do paulista como uma “raça bandeirante” eugênica, resultante da fusão do europeu e do indígena e refratária ao negro. Para Ellis Jr., a ausência relativa dos africanos nesse caldeamento racial não se devia ao “odioso preconceito que, nos Estados Unidos se materializa em perseguições”, mas à “pouca atração, no que entra certa dose de piedade” (FERRETTI JR., 2020, p. 109).

Do ponto de vista político, Danilo Ferretti (2008) em “O uso político do passado bandeirante” aponta como o regionalismo paulista professava um modelo de república calcado no “imaginário político americanista”, cujo núcleo eram “reformas políticas liberais mais capitalismo agrário moderno”. Este modelo envolvia forte defesa do pacto federativo, com respeito à autonomia provincial e ao princípio da democracia liberal de “representação popular”, ao passo que do ponto de vista do capitalismo agrário, “seria marcado pela ocupação do sertão mediante a expansão da fronteira cafeeira, a implementação de uma ampla rede de estradas de ferro e uma forte política populacional imigrantista” (FERRETTI, 2008, p. 61). À semelhança dos EUA, São Paulo seria um oásis do liberalismo, prosperidade material e autonomia política, sendo sua população retratada como distinta daquela dos outros estados, e dotada das mesmas qualidades dos estadunidenses: “o mesmo “espírito de iniciativa”, a mesma “liberdade”, o mesmo ‘espírito empreendedor’, a mesma aversão a um poder estatal repressor”, esclarece Ferretti (2008, p. 70). A analogia entre a trajetória histórica dos paulistas – “os ianques do sul”, como afirmou Basílio de Magalhães – e a dos EUA foi elaborada pela historiografia regional, na

³⁰ Carta de Lobato a Neiva, de 20/06/1929. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

qual o bandeirante e as populações do planalto foram retratados como protótipos de “*self-made men*”, autônomos em relação à autocracia da Coroa portuguesa e adeptos do liberalismo.

Lobato integrou em sua “automodelação” o ideal individualista e liberal do “*self-made man*” - “homem de ação, empresário arrojado e bem-sucedido (...); exemplo síntese do caráter empreendedor legado aos paulistas pelos bandeirantes” (LUCA, 1999, p. 272). Na correspondência com Neiva relatou pormenorizadamente suas iniciativas empresariais, os lucros e investimentos, seja no ramo editorial ou da prospecção de petróleo. Ele tentou infundir o mesmo ideal no amigo:

Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito e sobre o erro que o sr. comete persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tivesse partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia montando um laboratório aí ou aqui fazer uma carreira econômica rápida. Não vê o Fontoura como está próspero? O próprio Afrânio só no Fontoura já tira mais de um conto por mês e disse-me o Fontoura que tirará duas, três ou quatro vezes mais. Por que o Sr. não pensa nisso? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta própria em SP, p. ex., que clientela não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa vitória porque provinda da iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho para isso?³¹



Neiva não seguiu os conselhos de Lobato. Diferentemente de vários dos seus contemporâneos, não fundou laboratório privado, uma tendência marcante entre os pesquisadores da área biomédica nos anos 1920, como apontam Benchimol e Teixeira (1993). Em resposta ele reafirmou sua intenção de seguir a carreira científica no Instituto Oswaldo Cruz:

Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Quantas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria bem sei. Tal liberdade se faria no entanto a custo do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos (...) Hoje li no “Estado” a criação de um novo Instituto Científico particular no Rio, com o Rocha Lima à frente e auxiliado por mais três discípulos do Oswaldo. Voluntariamente puseram ponto final na carreira científica; comercializaram-se e não progredirão mais. Amanhã serão medalhões e figurões e somente saberão fazer o cotidiano. Eu agora estou trabalhando intensamente e preparo várias coisas. Ocorreu-me uma conclusão, cômica, aliás. O cientista deve ser como pássaro de gaiola – canta mais quando o comedidor está vazio. A bacharelise, o grande mal nacional, não permite, senão de quando em quando, que a ciência entre nós se desenvolva, exulte-se e se nacionalize

³¹ Carta de Lobato a Neiva de 14/04/1922. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

(...). Quero acabar meus dias como trabalhador de Manguinhos(...) Se me vir fora desta rota, é que mudei, e então se compadeça de mim, pois estarei sofrendo por não ter tido a coragem nem a alma bastante temperada para resistir até o final das minhas forças em prol do ideal que em dia de inspiração eu abracei. (...) ³²

Lobato, por sua vez, percorreu uma trajetória errática de criação de empresas e falências. Aprofundou seu “espírito empreendedor” nos EUA ao tomar conhecimento do “Processo Smith” de processamento do ferro, o qual possibilitaria a arrancada do Brasil rumo ao progresso. Em seguida, envolveu-se em ações de exploração de petróleo, fase em que contou com a parceria atenta de Neiva, que a partir dos anos 1930 passou a atuar como político, primeiro como Secretário do Interior da interventoria do tenente João Alberto em São Paulo; em 1931 como interventor de Vargas na Bahia e entre 1934 e 1937 como deputado federal.

A correspondência estendeu-se até 1942, um ano antes da morte de Neiva. As últimas cartas portam um tom de melancolia, derrotismo, fatalismo e nostalgia. Lobato apresentou-se como alguém vencido pelas forças da inércia, sobretudo depois do desfecho desfavorável da campanha pelo ferro e petróleo. Em carta de 1942, o escritor escreveu: “Quantas saudades! E como o tempo passa! Velhos estamos e mais velhos por dentro que por fora. Quanto a mim um desejo me resta, da floresta de desejos que fui: morrer”. Assim esperava solucionar o desapontamento não só com o Brasil, mas com toda a humanidade: “Que delícia morrer e escapar à infinita canalhice da humanidade. A impressão última que levarei é essa: a mais sórdida canalhice.” ³³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A correspondência de Monteiro Lobato com Arthur Neiva registra como o racismo foi um elemento presente na visão de mundo do escritor, coerente com as crenças que compartilhou com o cientista. Como o próprio literato afirmou no livro em que publicou as cartas trocadas com Godofredo Rangel, “Carta é conversa de um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana” (LOBATO, 1956, p.17). Neste diálogo, os missivistas compartilham, selecionam, reforçam ou mitigam suas convicções, na base de uma afinidade que pode ser de natureza afetiva, intelectual, ideológica, profissional, social.

³² Carta de Neiva para Lobato de 08/05/1922. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

³³ Carta de Lobato a Neiva, de 25/04/1940. Fundo Arthur Neiva/ AN 18/06/1921.

No caso da conversa com Neiva, Lobato sentiu-se à vontade para explicitar sua visão fatalista da nação brasileira. Encontrou no amigo uma ressonância e cumplicidade em seu empenho aborrecido de viabilizar as ambições pessoais, atrelando-as aos rumos do país. Como Lobato, Neiva perfilou como um “homem de ação”, infatigável na organização de instituições, na participação em associações intelectuais, na vinculação a projetos coletivos voltados à promoção das ciências, da saúde e da educação na sociedade brasileira. Embora não fosse paulista de nascença como o escritor, defendeu a visão de identidade nacional conformada pelo ufanismo paulista. Como diz Cassiano Nunes (1981, p. 20), “paulistizou-se”. Nesse registro discursivo, São Paulo figurava como protagonista da construção nacional a partir de um passado singular que lhe assegurou a vanguarda na modernidade e no progresso, a qual deveria servir de modelo para toda a nação. Como mostra Barbara Weinstein (2003), as percepções que envolviam as noções de modernidade, progresso e civilização embeberam-se do discurso racista, mesmo que não mencionasse explicitamente as categorias de raça e de cor. De acordo com tal discurso, o povo paulista constituía-se de uma miscigenação étnica e cultural entre os indígenas e os europeus, negligenciando ou mesmo desprezando os povos de origem africana.

Ao considerar que a raça de Jeca Tatu era a mesma do bandeirante, Lobato franqueou a possibilidade de “redenção” às populações sertanejas assoladas pela doença, mas manteve a mesma visão negativa dos negros e mulatos que expressou não só nas cartas, mas também em seus escritos públicos, como no romance *O Choque das Raças*. Para um país composto predominantemente por negros e mulatos, com exceção de São Paulo, supostamente livre da “mácula” étnica e cultural desses povos e renovado pelo afluxo dos imigrantes europeus, a ciência oferecia como solução as medidas eugênicas. Como grande parte dos intelectuais da época, ele combinou o ideário da eugenia com o sanitarismo, seguindo a máxima de Renato Kehl de que “sanear é eugenizar”, mas reservando a determinados segmentos populacionais a sujeição às medidas prescritas pelo evangelho eugênico. Nesta sobreposição entre as concepções sanitaristas e eugênicas também encontrou afinidade no pesquisador de Manguinhos: como Lobato e vários outros intelectuais do período, Neiva filiou-se à Liga Pró-Saneamento e à Sociedade Eugênica de São Paulo. Neiva defendeu a educação física e a promoção dos esportes a partir de pressupostos da eugenia, inclusive colocando em prática medidas importantes quando atuou como secretário do Interior de São Paulo, como a criação do Departamento de Educação Física no estado. Como deputado federal no período entre 1934 e 1937 e participante da Assembleia Constituinte, juntou-se à bancada que defendia restrições à

imigração fundamentadas em princípios da eugenia, principalmente contra a entrada de asiáticos. Tal como Miguel Couto, o cientista opôs-se ferrenhamente à introdução das “raças amarelas” (NUCCI, 2000). No tocante à presença dos negros e mulatos na composição da população brasileira foi menos explícito em seus escritos. É provável que tenha compartilhado da visão negativa de Lobato, mas talvez fosse mais permeável à ideia de que medidas como o saneamento e o esporte pudessem também aperfeiçoar a composição biológica desses indivíduos. As lacunas quanto à sua apreciação de *O Choque das Raças* não autorizam conclusões nesse sentido, apesar de ter declarado em uma de suas notas repúdio ao ódio racial nos EUA (NEIVA, 1927).

O romance foi, afinal de contas, dedicado a Neiva e a Coelho Neto, o que aponta que houve anuência do cientista. É importante sublinhar que a correspondência se encontra no arquivo pessoal de Neiva, sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, ao qual sua documentação foi doada pelas filhas. Este processo de acúmulo de documentos pelo titular do arquivo, seleção e deposição em uma instituição de guarda arquivística envolve seleções conscientes e inconscientes, como também perdas e silenciamentos. Em função disso, não é possível afirmar de forma categórica que a correspondência é completa. De qualquer forma, os missivistas compartilharam proximidade com a rede de atores e concepções do movimento eugênico, ainda que em diferentes graus e comprometimentos.

Das cartas disponíveis e consultadas, foi possível notar que o racismo de Lobato associou-se ao seu reconhecido fascínio pela sociedade estadunidense em praticamente todos os domínios, inclusive na forma como lidaram com a “questão racial” por meio de medidas de segregação. O americanismo do escritor alinhou-se ao ufanismo paulista e à crítica à herança colonial lusitana, expressa no repúdio pelas formas de funcionamento da administração pública e pela mentalidade coletiva. Para ele isto se coagulava no fato de “a cabeça do país ser o Rio (...), um fenômeno de parasitismo consciente e organizado que em nada crê, pilheria a propósito de tudo, tem graça, é leve e por isso tudo terrivelmente venenoso e envenenante” como declarou a Anísio Teixeira³⁴. Neiva compartilhou dessas convicções, de maneira que elas ganharam farta expressão nas linhas trocadas entre os missivistas.

O propósito deste artigo foi examinar as concepções racistas de Monteiro Lobato a partir do diálogo que travou em correspondência com Arthur Neiva, em meio à qual proferiu declarações em favor da segregação e ódio racial que ganharam destaque no

³⁴ Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira, em 16/10/1929. VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 41.

contexto da polêmica em torno de suas obras infantis e de como lidar com elas no contexto escolar. Ao invés de toma-las de forma isolada, tratamos de analisá-las como parte de uma matriz discursiva em que o racismo se acomodou a outros elementos do repertório intelectual dos missivistas. Este repertório foi permeado pela crença no potencial da ciência de apresentar soluções às questões consideradas obstáculos ao progresso nacional e que à época envolveram “de forma obrigatória” o debate racial (MAIO, 2010). As soluções pelas ciências incluíram as medidas de saneamento, como também as propostas da eugenia. Essas duas vertentes imbricaram-se no esforço de viabilizar um projeto nacional. A trajetória dos dois intelectuais convergiu nas duas vertentes, mas com especificidades no nível de engajamento e nas maneiras de apropriação dos enunciados da higiene e da eugenia.

Com este trabalho de contextualização, esperamos contribuir para o debate sobre o lugar do racismo e das teorias racialistas no ambiente intelectual do início do século XX do qual Lobato fez parte e se inseriu de forma específica. O esforço de situá-lo em sua época não mitiga o impacto de suas convicções e escolhas, que repercutiram na sua trajetória, memória e na recepção de suas obras. Nesse sentido, não tivemos por finalidade nem relativizar o racismo do escritor através dessa contextualização, nem assumir um tom acusatório, condenando-o pela posição que o racismo ocupou em sua visão de mundo. As expressões manifestamente racistas em trechos de sua obra infantil combinam-se com afirmações da mesma natureza em outros textos, publicados ou compartilhados com seus correspondentes. Mas Lobato foi um personagem complexo, contraditório e multifacetado, que não se prende a categorizações simplistas como as que tentam enquadrá-lo dentro do dualismo racista ou não-racista e, a partir daí, julgar toda a sua obra e trajetória. Seu posicionamento em relação à questão racial e ao movimento eugênico sofreu mudanças no decorrer de sua vida, o que não significa ignorar que em determinadas fases e declarações ele perfilou como racista convicto e simpático a abordagens mais radicais da eugenia. A perspectiva histórica ajuda a evitar algumas aproximações apressadas surgidas no contexto da polêmica recente em torno do racismo em sua obra infantil, como as que remetem de imediato às medidas adotadas pela eugenia alemã durante o nazismo ou as que equiparam Arthur Neiva e Renato Kehl na condição de “expoentes da eugenia”³⁵, sem reconhecer os modos e graus bastante específicos com que cada um deles se posicionou em relação às doutrinas eugênicas. Em contrapartida, uma análise circunstanciada do contexto histórico

³⁵ DIAS, Maurício. Monteiro Lobato, racista empedernido. *Carta Capital* (Edição de 17/5/2013). Disponível in: <http://www.cartacapital.com.br/revista/749/monteiro-lobato-racista-empedernido.>> Acesso em: 04 abr. 2020.

desvela que o racismo se insinuou em elaborações mais sutis e veladas do que naquelas em que se expressou de forma evidente.

Ainda que um exame crítico do racismo em Monteiro Lobato influencie no debate sobre os usos de sua obra infantil no ambiente escolar, cumpre levar em conta que as decisões em termos de políticas públicas não devem se restringir nem a uma análise formal dos textos, nem a um escrutínio histórico da biografia do escritor e de seu contexto intelectual, sobretudo com a tentativa de enquadrá-lo de forma categórica e dualista como racista ou não-racista. As obras são filhas do seu tempo, mas a utilização contemporânea das mesmas na educação – principalmente na educação infantil – precisa considerar as transformações sociais, institucionais e políticas que se condensam na “base linguístico moral” (FERRETI, 2008) e que modelam o repertório do que deve ser aceito em uma sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Camila Russo de. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

ARAÚJO, Karina Anhezini de. **Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)**. 2006. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103116>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História Ciência e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, 2008.

BENCHIMOL, J. L.; TEIXEIRA, L.A. Cobras, Lagartos e outros bichos. **Uma história comparada dos Instituto Oswaldo Cruz e Butantan**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FIOCRUZ – Casa de Oswaldo Cruz, 1993.

BORGMEIER, T. Arthur Neiva: a propósito do seu 60º aniversário. **Revista de Entomologia**, v.11, n. 1/2, 1940.

BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

CAMPOS, André Vieira. **A República do Pica-pau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1986.

CAVALHEIRO, Edgard. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto.** Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura, 1955.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra.** São Paulo: Nacional, 2ª Edição, 1956.

COSTA, Fabio Pereira. **O homem da pena de aço: Monteiro Lobato e a articulação da raça na educação republicana.** 2016. 228 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

COSTA, Nivaldete Ferreira D.A. **A boneca Emília: Por uma pedagogia performática.** 178 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

DIAS, Maurício. Monteiro Lobato, racista empedernido. **Carta Capital** (Edição de 17/5/2013). Disponível in: <http://www.cartacapital.com.br/revista/749/monteiro-lobato-racista-empedernido>.> Acesso em: 04 abr. 2020.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FERREIRA, A.C. **A epopéia bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção histórica (1870-1940).** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERRETTI, Danilo J. Zioni. O uso político do passado bandeirante: o de bate em tre Oliveira Vianna e Alfredo Ellis Jr. (1920-1926). **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, 2008.

FERRETTI JUNIOR, Arlindo. **Eugenia e identidade nacional nos escritos de Monteiro Lobato.** Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

FORMIGHIERI, Ana Paula de Souza. **Monteiro Lobato: construção ou denúncia do pensamento racista?** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação.** 2003. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281539>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil.** São Paulo: Editora Hucitec/ Anpocs, 1998.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, 2000.

ILBAÑEZ, Nelson; RONCON, Juliana; ALVES, Olga Sofia Fabergé. Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42). **Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan.** São Paulo, v. VIII, 2012.

JÚNIOR, J. F.; NASCIMENTO, L. F.; EISENBERG, Z. W. Monteiro Lobato e o politicamente correto. **Dados.** Revista de Ciências Sociais, v. 56, n. 1, 2013.

LAMARÃO, Sergio. Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao «atraso» brasileiro. **Lusotopie**, n. 9, 1 sem. 2002, pp. 51-68. Disponível em:

<<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lamarao.pdf>>. Acessado em: 20 mar. 2021.

LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. **Nacionalismo militante: uma análise de correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-1942).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

LIMA, N. T.; FONSECA, Cristina M.O; HOCHMAN, Gilberto. **A saúde na construção do Estado nacional no Brasil: reforma sanitária em perspectiva histórica.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2005.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.** REVAN: IUPERJ. UCAM. Rio de Janeiro, 1999.

LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil redescoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In:

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

LOBATO, Monteiro. Artur Neiva. **Problema Vital** (artigos). “Edição da Revista do Brasil”. Prefácio Renato Kehl. São Paulo, 1918.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. “Edição da Revista do Brasil”. São Paulo, 1918.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jéca Tatú**. “Edição da Revista do Brasil”. São Paulo, 1919.

MAIO, Marcos Chor (org.) **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil/** organizado por Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos. FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2010.

MONTEIRO, John. Caçando com gato: raça, mestiçagem e identidade paulistana na obra de Alfredo Ellis Júnior. **Novos Estudos**. São Paulo, nº 38, mar. 1994.

MORAES, Pedro R. Bodê de. **Fidalgos do café e livros do Brasil—Monteiro Lobato e a criação de editoras nacionais**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ, 1995.

MORAES, Pedro R. Bodê de. O jeca e a cozinheira: raça e racismo em Monteiro Lobato. **Revista de Sociologia e Política**, nº 8, 1997.

NEIVA, Arthur. Presente de Negros. **Daqui e de Longe**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 1927.

NUNES, Cassiano. **O patriotismo difícil: a correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva**. São Paulo: Editora Copidart, 1981.

OLIVEIRA, Fabília Aparecida Rocha de Carvalho Honorato de. **De negrinha a Tia Nastácia: um estudo sobre as personagens negras na obra de Monteiro Lobato**. (Mestrado em Letras) - Instituição de Ensino, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Luciana Scagnamiglio de. **A perspectiva científica de Monteiro Lobato na obra O poço do Visconde: um estudo à luz da história da ciência**. Tese (Doutorado em História Da Ciência) - Instituição de Ensino, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim... um inventário da saúde pública. São Paulo – 1880 – 1930.** 407 f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1991.

SÁ, Dominichi M. de A voz do Brasil. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935).** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Dominichi M. Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos.** Rio de Janeiro, v. 16, suplemento 1, 2009.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, 1985, v.28, n.2.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República São Paulo:** Editora Companhia das Letras, 2ed. 2003.

STEPAN, Nancy. **A hora da eugenia: Raça, gênero e nação na América Latina.** FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Edvane de Araújo Andrade. **Monteiro Lobato na obra “A barca de Gleyre” e o discurso racista em “Caçadas de Pedrinho.** Monografia. Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SCARAVONATTI, Gihane. **Boneca de pano é gente/sabugo de milho é gente; e Tia Nastácia, seria gente? A disputa em torno da personagem Lobatiana a partir de sua inserção nos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola.** Dissertação (Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2015.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920 - 1930. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos.** Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Arthur Neiva e a ‘questão nacional’ nos anos 1910 e 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos.** Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul. 2008.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006

SOUZA, José Wellington de. **Raça e eugenia na obra geral de Monteiro Lobato**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituição de Ensino, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. **Monteiro Lobato, o leitor**. 269 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

STANCIK, Marco Antonio. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. **UEPG**. Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Ponta Grossa, jun. 2005.

TIN, Emerson. **Em busca do “Lobato das cartas”**: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas, 2007.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Org.). **Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC: Rio de Janeiro, 1986.

WEINSTEIN, Barbara. Racializando as diferenças regionais: São Paulo x Brasil, 1932. **Revista Esboços**. UFSC: Florianópolis, n.16, 2007.

RECEBIDO EM: 09/04/2021
PARECER DADO EM: 09/06/2021